



LÍNGUA PORTUGUESA NA EUROPA CENTRAL: ESTUDOS E PERSPETIVAS



JOAQUIM COELHO RAMOS
ŠÁRKA GRAUOVÁ
JAROSLAVA JINDROVÁ (EDS.)



KAROLINUM

Língua portuguesa na Europa central: estudos e perspectivas

Joaquim Coelho Ramos
Šárka Grauová
Jaroslava Jindrová (eds.)

Reviewed by:

Mgr. Iva Svobodová, Ph.D.

Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Published by Charles University in Prague

Karolinum Press

Prague 2016

Layout by Jan Šerých

Typeset by DTP Karolinum Press

First edition

© Charles University in Prague, 2016

© Joaquim Coelho Ramos, Šárka Grauová, Jaroslava Jindrová (eds.), 2016

ISBN 978-80-246-3147-9

ISBN 978-80-246-3169-1 (online : pdf)

Esta publicação teve o apoio de:





Univerzita Karlova v Praze
Nakladatelství Karolinum 2016

www.karolinum.cz
ebooks@karolinum.cz

ÍNDICE

Apresentação ---- 7

Agradecimentos ---- 9

I. CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS ---- 11

Questões de semântica do tempo em português: relações temporais em frases simples e algumas frases complexas

(*Fátima Oliveira*) ---- 12

Uma possível topografia da narrativa brasileira contemporânea

(A problematização da violência, o questionamento da identidade e a hibridação da escrita)

(*Alva Martínez Teixeira*) ---- 26

II. LITERATURA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO ---- 43

Requiem para uma Europa em ruínas. As *Crônicas jugoslavas* de Álvaro Guerra

(*Magda Barbeita*) ---- 44

As duas faces de D. Teresa (cca 1080-1130): do anti-exemplo à mulher exemplar

(*Anna Działak*) ---- 51

Rasto checo e cumplicidade ibero-eslava na mistificação fradriquiana

(*Vlasta Duřková*) ---- 61

Conto fantástico regionalista no Brasil?

(*Šárka Grauová*) ---- 67

Como traduzir o calão e manter-se fresco como uma alface? Considerações à margem

da tradução para polaco do *Novo dicionário do calão* de Afonso Praça

(*Jakub Jankowski*) ---- 74

Os elementos da “terceira cultura” na tradução do português para o polaco

(*Agnieszka Kruk*) ---- 88

O panorama das traduções literárias da literatura portuguesa na Eslovénia (1991-2013)

(*Mojca Medvedšek*) ---- 94

A imagem da Atlântida no conto A revolução de Aquilino Ribeiro

(*Silvie Špánková*) ---- 100

O mito de Camões em *As naus* de António Lobo Antunes: a poética e a política da profanação

(*Bálint Urbán*) ---- 110

Residência da dinastia – um tema na literatura portuguesa

(*Karolina Válková*) ---- 119

III. PEDAGOGIA E DIDÁTICA / ESTUDOS CULTURAIS E CIVILIZACIONAIS ---- 127

A tradução na didática de PLE como veículo de interculturalidade: estudo de caso

(*Nuno Carlos de Almeida, Davor Gvozdić*) ---- 128

A globalização do ensino / aprendizagem da língua portuguesa: lusofonia e internacionalização

(*Soraia Lourenço*) ---- 143

A literatura tradicional lusófona como instrumento pedagógico
no ensino/aprendizagem do PLE
(*Gabriela Tavares Sándor*) ---- **156**
Ensino da tradução no nível universitário
(*Tatiana S. Sharupich*) ---- **167**

IV. LINGUÍSTICA ---- 173

Contribuição para a história da eliminação da concordância do participípio
nos tempos compostos do português
(*Tibor Berta*) ---- **174**
“O autor deve ser poliglota em sua própria língua”. *Luuanda* de José Luandino Vieira como
exemplo da desconstrução do sistema morfossintático do português padrão
(*Natalia Czopek*) ---- **184**
Prolegómenos ao léxico filosófico português
(*Tomás N. Castro*) ---- **202**
Perífrases verbais de incoatividade. Estudo contrastivo português-polaco
(*Joanna Drzazgowska*) ---- **212**
Texto, textualidade e sentido: a língua portuguesa para além da gramática
(*Graziela Zanin Kronka*) ---- **223**
Frantuguês: o falar da emigração portuguesa em França
(*Petra Laufková*) ---- **232**
Valores de incerteza e irreabilidade: usos deslocados em português e espanhol
(*Blažka Müller Pograjc*) ---- **239**
Testamento de D. Afonso II: 800 anos do primeiro documento escrito em português
(*Olga Saprykina*) ---- **245**
Tradução de expressões idiomáticas portuguesas para a língua checa
(*Anna Veverková*) ---- **251**
A oposição no âmbito dos prefixos portugueses sub-/so(b)- vs sobre-,
supra- e romenos sub- vs supra
(*Claudia Vlad, Irina Lupu*) ---- **261**
A situação atual dos crioulos de base lexical portuguesa na região da Alta Guiné
(*Barbara Hlibowicka-Węglarz*) ---- **274**
Verbos e formas verbais irregulares em português e espanhol
(*Ildikó Szijj*) ---- **284**

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Língua portuguesa na Europa central: estudos e perspetivas*, que agora se publica, reúne alguns dos trabalhos apresentados durante a IV edição das *Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas da Europa Central e de Leste*. Este colóquio internacional, pela primeira vez realizado na Faculdade de Letras da Universidade Carolina, em Praga, durante os dias 25, 26 e 27 de setembro de 2014, contou com a presença de 41 especialistas internacionais nas áreas de língua portuguesa, pedagogia e didática de PLE/L2, e literaturas e culturas dos países da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. As comunicações aqui contidas traduzem os resultados dos projetos de pesquisa realizados por professores e investigadores de 11 países, mas representam também a perceção e as experiências destes profissionais da língua portuguesa nos países onde desenvolvem a sua atividade.

Realizadas a cada dois anos, em regime de rotatividade, num país da Europa Central, estas *Jornadas* são já um evento de referência no panorama da divulgação da língua portuguesa e das culturas que em Português se materializam, considerando a enorme variedade das suas representações. Todavia, não são apenas os debates *inter pares* e as reflexões aprofundadas sobre os temas em análise que motivam a presença dos especialistas: é também a possibilidade de conhecer a evolução da língua portuguesa em contextos diversificados, a oportunidade de criar parcerias e grupos de trabalho internacionais e o potencial de divulgação que enforma este tipo de eventos, enquanto dinâmicas de partilha científica além fronteiras.

Depois de Brno, Sófia e Budapeste, as *IV Jornadas* vieram consolidar a metodologia de trabalho adotada desde o início e que visa privilegiar o contacto de docentes e investigadores séniores com aqueles que agora se iniciam nestes campos do saber; o resultado é uma maior perceção do estado da arte, mas também uma dinâmica de aprendizagem fluida que se gera a par do debate científico entre todos os participantes.

Justamente por ter também este objetivo formativo, a quarta edição deste colóquio internacional abriu as suas portas com duas sessões plenárias, uma na área geral da linguística, apresentada pela Professora Doutora Fátima Oliveira, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, outra na área geral da literatura, apresentada pela Professora Doutora Alva Teixeira, professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A presente obra encontra-se dividida em quatro capítulos: o primeiro acolhe as duas conferências plenárias a que acima nos referimos; o segundo capítulo engloba as comunicações relativas a “Literaturas e Estudos de Tradução”; o terceiro capítulo inclui as comunicações integradas nos grupos temáticos de “Estudos Culturais e Civilizacionais” e de “Pedagogia e Didática”; o quarto e último grupo incorpora os trabalhos de “Linguística”. Cada comunicação reflete a visão livre e pessoal do seu autor ou autores.

Dadas as características transversais de alguns dos contributos, houve, naturalmente, dificuldades em proceder à sua adequada classificação. Isto aconteceu, nomeadamente, em estudos que tratam, simultaneamente, temas de literatura e didática, ou de literatura e cultura. Sempre que possível, a opção seguida foi a de respeitar o desejo do autor que acabaria por atribuir ao trabalho apresentado um carácter dominante mais voltado para um ou para outro grupo, aceitando-se esta classificação pessoal como base definitiva para a identificação temática do trabalho apresentado.

Esperamos que esta coletânea contribua para prolongar o debate iniciado durante as *IV Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas da Europa Central e de Leste* em torno das disciplinas que orbitam a língua portuguesa e do seu imenso potencial de preservação da memória coletiva, mas também do seu potencial técnico, comunicativo, formativo, empreendedor e de intervenção geopolítica e social, na certeza de que tais disciplinas são hoje um recurso importantíssimo para quem se encontra ativo, num mundo em que 250 000 000 de pessoas possuem o Português como língua nativa e muitos outros a usam como língua de trabalho, de negócios, de recreio ou de afetos.

Joaquim Coelho Ramos¹

1 Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.; Centro de Linguística da Universidade do Porto; Universidade Carolina de Praga.

AGRADECIMENTOS

Em abono da justiça, importa dizer que nem os trabalhos das *Jornadas* nem esta sua sistematização escrita teriam sido possíveis sem o empenho pessoal e profissional de uma série de pessoas concretas e entidades institucionais.

Permito-me dirigir os primeiros agradecimentos à equipa do Centro de Língua Portuguesa/ Camões I. P. em Praga, designadamente ao Lic. Guilherme Figueiredo e às Mestres Kristýna Borecká e Barbora Kraftová, bolseiros do Programa Fernão Mendes Pinto em funções na República Checa, bem como à Mestre Věra Matysíková, que conseguiram manter um apoio técnico e administrativo de alto nível ao longo de toda a sequência dos trabalhos.

Agradecimentos também ao Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I. P./ serviços centrais, sob cujo patrocínio se desenvolveu o Colóquio, pelo apoio material e científico prestado, desde o início, à organização.

Também importa agradecer ao Instituto de Estudos Românicos, nas pessoas do seu Diretor, Doutor Petr Čermák, e do seu Secretário e lusitanista, Doutor Jan Hricsina, bem como ao Departamento de Estudos Luso-brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade Carolina em Praga, nas pessoas da sua Chefe de Departamento, Doutora Šárka Grauová, na especialidade de literaturas em língua portuguesa, e da Doutora Jaroslava Jindrová, na especialidade de linguística, a que se juntam as Doutoradas Iva Svobodová, da Universidade de Masaryk, em Brno e Petra Svobodová, da Universidade de Palacký, em Olomouc, bem como a Mestre Nicole Kolbach, pelo acompanhamento científico dos trabalhos e da presente edição.

Finalmente, uma palavra especial de agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian, instituição que muito contribuiu para o sucesso desta iniciativa, e às Embaixadas da República Portuguesa e da República Federativa do Brasil, nas pessoas dos seus Chefes de Missão: S.E. o Embaixador José Júlio Pereira Gomes e S.E. o Embaixador George Monteiro Prata, respetivamente.

Praga, 10 de junho de 2015.

I.
CONFERÊNCIAS
PLENÁRIAS

QUESTÕES DE SEMÂNTICA DO TEMPO EM PORTUGUÊS: RELAÇÕES TEMPORAIS EM FRASES SIMPLES E ALGUMAS FRASES COMPLEXAS

Fátima Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto²

Portugal

Resumo:

Neste texto analisam-se algumas questões temporais em frases completivas finitas no Indicativo e em frases temporais introduzidas por *quando*. O Tempo tem um papel relevante na interpretação das frases simples, permitindo a localização das situações em diferentes esferas temporais: presente, passado ou futuro. No entanto, quando se trata de frases complexas, as relações temporais que se podem estabelecer entre as frases revelam ainda uma maior variedade e complexidade, tendo em conta os tempos verbais que se podem combinar³.

Palavras-chave: tempo; frases complexas; relações temporais

Nas línguas românicas e em particular no português, os tempos gramaticais veiculam, de um modo geral, informações não só temporais como também aspetuais e, assim, de formas diversas, sobre a localização e também sobre o tipo de duração da predicação relativamente à entidade referenciada pelo sujeito da frase. Deste modo, se alguns tempos verbais podem fazer apenas localização temporal de uma situação descrita por uma frase simples (*o Rui saiu*), já outros tempos verbais como seja o Presente do Indicativo, podem alterar o valor aspetual do predicado, transformando uma situação eventiva como *fumar* numa situação estativa habitual (*o Rui fuma*), sem haver de facto uma localização temporal. Mas as possibilidades de combinação de tempos verbais em frases

2 CLUP é apoiado pela FCT, PEst-OE/LIN/UI0022/2014

3 Alguns aspetos do trabalho aqui apresentado foram desenvolvidos em colaboração com Purificação Silvano e Luís Filipe Cunha.

complexas são restritas, dependendo de vários fatores entre os quais o tipo de frase complexa ou até a predicado que a seleciona.

A complexidade desta interação entre as informações temporais e aspetuais veiculadas pelos tempos verbais justifica que em primeiro lugar se abordem algumas questões gerais sobre o tempo linguístico em frases simples e só numa segunda parte se abordem algumas questões relacionadas com as possibilidades combinatórias de alguns tempos em frases complexas como sejam algumas completivas e algumas temporais.

1. O TEMPO LINGUÍSTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em termos gerais, podemos dizer que o tempo linguístico serve para localizar no tempo cronológico as situações (eventos ou estados) expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados. Essa localização temporal é relativa ou ao tempo da enunciação (ou fala) e dizemos assim que se está perante uma relação dêitica, ou então é relativa a outro tempo marcado de diversas formas na frase ou em sequências de frases e nesse caso considera-se que a relação é anafórica. A forma mais comum de se marcar essa localização é através dos tempos verbais, mas também o pode ser através de advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais.

Por outro lado, o tempo é também entendido como uma ordenação linear de unidades temporais orientada do passado em direção ao futuro e esta conceção tem como consequência considerar-se que o tempo linguístico se articula em três domínios: passado, presente e futuro, permitindo falar de relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade do tempo relativamente a um momento escolhido como o de referência.

O tempo linguístico envolve assim não só localização mas também orientação no eixo do tempo a que devemos ainda associar a noção de intervalo de tempo, concebido como um conjunto ordenado e linear de instantes ou de momentos, porque associamos ao tempo a dimensão de duração.

Por último, convém ter presente que o tempo é uma categoria gramatical que opera sobre predicções e o recurso às diferentes formas de o assinalar permite estabelecer relações entre unidades temporais que são predicções ou entre predicções e outros elementos linguísticos (*antes de sair, o Rui telefonou à Ana*) e extralinguísticos que comportam informação temporal, como seja, neste último caso, o tempo da enunciação.

Quanto à localização temporal das situações, como é relativa, há três momentos fundamentais a ter em conta⁴: o intervalo de tempo em que decorre a situação, o momento da enunciação e o ponto de perspectiva temporal (doravante PPT), entendido como o intervalo de tempo em que o falante se posiciona para descrever a situação que pretende representar, podendo ser tanto o momento da enunciação como outro intervalo de tempo. Vejam-se os seguintes exemplos:

4 Veja-se a este respeito, Reinchenbach, 1947, Kamp e Reyle, 1993, Oliveira, 2003, Oliveira, 2013, entre outros.

- (1) A Ana almoçou com os amigos.
- (2) O Pedro tinha saído quando a Rita telefonou.

Enquanto em (1) o tempo da situação é passado em relação ao momento da enunciação e ao PPT, que coincide com o da enunciação, em (2) a interpretação temporal da frase matriz (*o Pedro tinha saído*) tem como PPT o tempo marcado pela frase temporal e esta é interpretada relativamente ao tempo da enunciação que coincide com o PPT, havendo, neste exemplo um momento de enunciação mas dois pontos de perspetiva temporal. Assim, no primeiro exemplo estamos perante um caso em que a relação temporal é dêitica e no segundo exemplo verificamos que a interpretação temporal da frase matriz é anafórica, pois está dependente do tempo da frase temporal (*quando a Rita telefonou*).

As relações temporais envolvidas em frases simples e complexas ou numa sequência de frases estão geralmente associadas a relações de anterioridade, em que um intervalo se situa antes de um outro (cf. (1) e (2)) e relações de posterioridade, em que um intervalo se situa depois de outro como em (3). Neste caso a situação é apresentada como posterior ao tempo da enunciação, que coincide com o PPT, mas em (4) o PPT da frase temporal coincide com o momento da enunciação e o PPT da frase matriz é marcado pela frase temporal.

- (3) A Ana vai dar aulas em Praga.
- (4) Quando a Maria voltar da viagem, vamos fazer uma festa.

Por último, temos ainda os casos de sobreposição temporal que envolve três possibilidades. Esta relação pode ser de inclusão, em que um dos intervalos se inclui noutro de maior extensão como em (5). Neste exemplo, *espirrar* está incluído no intervalo mais vasto de *estar ao telefone*.

- (5) A Ana espirrou quando estava ao telefone.

Mas também há casos de sobreposição parcial, como em (6), em que um intervalo coincide parcialmente com outro, ou de sobreposição total em que os dois intervalos coincidem totalmente como em (7). Em (6) *visitar o castelo* sobrepõe-se parcialmente ao tempo de *viver em Praga* enquanto em (7) *ler a notícia* se sobrepõe totalmente a *tomar o pequeno-almoço*.

- (6) Quando viveu em Praga, a Ana visitou o castelo.
- (7) A Rita leu a notícia no jornal enquanto tomou o pequeno-almoço.

Como se pode ver por estes exemplos, as relações temporais em frases simples e em frases complexas são diferentes, havendo inclusivamente tempos verbais que dificilmente podem ocorrer em frases simples. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (8) *A Ana tinha saído.
 (9) *A Ana procurava um livro sobre fotografia.

Em ambos os casos as frases simples são agramaticais em virtude dos tempos verbais utilizados, o Pretérito mais que Perfeito Composto e o Imperfeito. Estes tempos verbais necessitam, na maior parte das construções, de um outro tempo que lhes sirva de PPT diferente do momento da enunciação. Tal restrição aplica-se sempre ao Pretérito mais que Perfeito e na maior parte dos casos ao Imperfeito, podendo este último apenas ocorrer em frases simples com certos predicados estativos (*o Rui era simpático*) ou nos casos em que se opera uma mudança aspetual para estado habitual (*a Maria fumava*) (cf. Oliveira, 2004). No entanto, se estas frases forem parte de uma frase complexa, como em (10)–(13), verifica-se que não há problemas quanto à sua aceitabilidade.

- (10) Quando o Pedro chegou a casa, a Ana tinha saído.
 (11) A Rita disse que a Ana tinha saído.
 (12) Quando entrei na biblioteca, a Ana procurava um livro sobre fotografia.
 (13) A Rita disse que a Ana procurava um livro sobre fotografia.

Com efeito, em (10) e em (12), as situações representadas pelas frases principais têm como PPT os intervalos de tempo em que se localizam as situações das subordinadas. Em (11) e em (13) a situação das frases subordinadas tem como PPT o intervalo de tempo em que se localiza a situação “A Rita disse”. Nos dois primeiros exemplos ((10)–(11)), a situação a ‘Ana ter saído’ estabelece com o seu ponto de perspectiva temporal uma relação de anterioridade e nos dois últimos exemplos uma relação de sobreposição.

Podemos assim dizer que há tempos verbais que são tipicamente anafóricos na medida em que não são interpretáveis relativamente ao momento de enunciação mas a um outro tempo que será o seu PPT. No entanto, se uma estrutura sintática complexa viabiliza, como vimos, a ocorrência de certos tempos gramaticais, impõe também algumas restrições no que diz respeito às combinações possíveis de tempos gramaticais e desencadeia outros problemas quanto à forma como interagem temporalmente as situações por ela representadas.

2. SEQUÊNCIA DE TEMPOS EM FRASES COMPLEXAS

Dado que uma frase complexa é constituída por, pelo menos, duas predicacões, haverá assim, pelo menos duas situações que são marcadas temporalmente. Um dos casos a considerar é o das completivas de verbo finitas⁵. Estas frases podem ser selecionadas

5 Como se sabe, as completivas podem ser selecionadas por verbos, nomes e adjetivos. As completivas podem ainda ser finitas e não finitas, isto é, apresentarem o verbo num tempo finito ou no Infinitivo.

por verbos de natureza semântica diferente, o que acarreta consequências quanto às possibilidades combinatórias dos tempos verbais (cf. Silvano, 2002). No entanto, se utilizarmos um critério baseado na influência que esses verbos podem ter na localização temporal da situação descrita pela frase subordinada, é possível distinguir duas grandes classes: a classe dos verbos relativamente neutros e a classes dos verbos não neutros (cf. Silvano, 2002 e Cunha e Silvano, 2008). Do primeiro grupo fazem parte verbos como *dizer*, *afirmar*, *considerar*, *jurar*, entre outros, e do segundo grupo verbos como *prometer*, *decidir* e *provar*, entre outros. Vejamos em primeiro lugar os tempos verbais em completivas com verbos relativamente neutros:

- (14) Rui disse que a Ana *estava na faculdade*.
- (15) O Rui disse que a Ana *ia escrever um livro*.
- (16) O Rui disse que a Ana *tinha visto o filme*.

Os exemplos anteriores mostram que o verbo *dizer* não determina a localização temporal da situação representada pela subordinada, na medida em que esta pode localizar-se no mesmo intervalo de tempo como em (14), no intervalo de tempo posterior como em (15) ou num intervalo de tempo anterior como em (16). Exemplos deste tipo encontram-se com facilidade num *corpus* como o *cetempublico*:

- (17) Foi o produtor francês que lhe falou da praia do Meco e que lhe **disse que** este era realmente o local de que precisava. *par=ext934996-clt-97b-3*
- (18) O major falou comigo, **disse que** me ia ajudar, mas depois pediu 100 mil dólares por um jogador de 30 anos. *par=ext613714-des-94a-2*
- (19) Bob Dole, líder dos republicanos no Senado, **disse que** não tinha visto suficientes cortes nos gastos [...] *par=ext893415-pol-93a-2*

Contudo, se observarmos dados com verbos que pertencem ao segundo grupo, os não neutros, como *prometer* e *provar*, por exemplo, verificaremos que o papel que desempenham na localização temporal da situação da frase subordinada é diferente⁶.

- (20) #A Ana prometeu que *estava na Faculdade*.
- (21) A Ana prometeu que *ia estudar mais*.
- (22) *A Ana prometeu que *tinha feito os trabalhos de casa*.
- (23) Poirot provou que o mordomo *estava na biblioteca*.
- (24) *Poirot provou que o mordomo *vai assassinar o patrão*.
- (25) Poirot provou que o mordomo *tinha assassinado o patrão*.

Nas frases com o verbo *prometer* verifica-se que este só é compatível com situações na frase subordinada que sejam representadas como ocorrendo num intervalo

6 O sinal ‘*’ associado a frases assinala que não são aceitáveis e o sinal ‘#’ assinala que são aceitáveis mas não têm a leitura relevante.

de tempo posterior à situação que ele representa. Por isso, a representação de situações na subordinada como ocorrendo no mesmo intervalo de tempo (cf. (20)) ou num intervalo de tempo anterior (cf. (22)) à situação “a Ana prometer” geram resultados agramaticais.

Quanto aos exemplos com o verbo *provar*, este também determina a localização temporal das situações com as quais se combina, como se pode deduzir pela observação dos exemplos em (23)–(25). O verbo *provar* potencia uma leitura da situação da frase subordinada preferencialmente localizada num intervalo de tempo anterior ao da situação “Poirot provou” (cf. (25)), podendo eventualmente ter uma leitura de sobreposição como em (23). Os exemplos seguintes mostram que se encontram casos semelhantes a (21) para o verbo *prometer* e semelhantes a (23) e (25) para o verbo *provar*.

- (26) Falando num almoço com elementos da imprensa que lhe perguntaram que questões abordaria o filme, ele apenas **prometeu**, meio a brincar, que ia “assustar muitos miúdos”. *par=ext17505-clt-93b-2*
- (27) Esta equipa **provou** que estava à altura *par=ext534219-des-98a-1*
- (28) Um inquérito feito em 1990 **provou** que a condenação se fizera com base em omissão de provas *par=ext90756-soc-94a-3*

2.1 MECANISMOS DE LIGAÇÃO TEMPORAL DAS SITUAÇÕES

Como observámos anteriormente, as completivas selecionadas por verbos relativamente neutros admitem relações de anterioridade, simultaneidade e de posterioridade. No entanto, tais relações podem ser explicitadas por tempos verbais diferentes, o que acarreta implicações na caracterização temporal das situações e, em última instância, representam mecanismos diferentes de ligação temporal. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (29) a) A Ana disse que a Maria está em casa.
b) A Ana disse que a Maria estava em casa.
- (30) a) A Maria disse que comprou um carro novo.
b) A Maria disse que tinha comprado um carro novo.
- (31) a) A Ana disse que vai/irá à festa.
b) A Ana disse que ia/iria à festa.

Em (29), a relação temporal entre as situações representadas pelas frases subordinadas e a situação “A Ana disse” é de simultaneidade (ou de sobreposição), apesar de a situação em (29a) ser descrita no Presente e em (29b) no Imperfeito. Em (30), a situação “comprar um carro novo” estabelece em ambos os casos uma relação de anterioridade com a situação “O Maria disse”, apesar de os tempos gramaticais diferentes, Pretérito Perfeito em (30a) e Pretérito-mais-que-Perfeito em (30b). Quanto a (31), a relação entre as duas situações é de posterioridade, embora os tempos gramaticais sejam uma

vez mais diferentes, pois em (31a.) é usado o Presente (com leitura de futuro) e o Futuro e em (31b) o Imperfeito com leitura de futuro do passado e o Condicional (com uma leitura temporal).

Em todos os exemplos, a situação descrita pela frase matriz recebe a mesma caracterização temporal, ou seja, o PPT é o momento de enunciação e a situação estabelece com ele uma relação de anterioridade. No entanto, a caracterização temporal de cada uma das situações representadas pela oração subordinada apresenta características distintas. Assim, Em (29a), a situação “está em casa” tem de selecionar como PPT um intervalo de tempo que inclua não só o momento de enunciação como o intervalo de tempo em que se localiza a situação “a Ana disse”. Se o PPT fosse apenas o momento de enunciação, o estado (*estar em casa*) iria sobrepor-se somente a esse intervalo de tempo, e não se verificaria no momento de enunciação original, ou seja, no intervalo de tempo em que a Ana proferiu aquele enunciado. Por outro lado, se o estado não se verificasse na altura em que a Ana o comunicou, a frase seria falsa. Deste modo, ao selecionarmos como PPT o momento de enunciação e o intervalo de tempo em que se localiza “a Ana disse”, podemos caracterizar a situação da frase subordinada como sobrepondo-se temporalmente aos dois intervalos de tempos. Dados como os apresentados em (29a), em que uma situação estativa no Presente surge encaixada numa completiva selecionada por um verbo no Pretérito Perfeito, são considerados na literatura como frases de duplo acesso por permitirem exatamente o acesso aos dois momentos de enunciação, o original e o do relato (cf. Oghiara (1996), Abusch (1997), Oliveira (1998) e.o.). No entanto, em (29b) o intervalo de tempo a partir do qual nos posicionamos para interpretar a situação da subordinada é apenas o intervalo de tempo em que se localiza a situação “a Ana disse”. Neste caso, a relação temporal que se estabelece entre o estado “estar em casa” e o seu PPT, isto é, o intervalo de tempo em que ocorre a primeira situação, é de sobreposição.

Quanto às frases em (30a), a situação “comprou um carro novo” é perspectivada a partir do momento de enunciação, sendo a relação temporal entre a situação e o respetivo ponto de perspectiva temporal de anterioridade. Note-se que neste caso as duas frases estão no Pretérito Perfeito e têm como PPT o momento da enunciação, colocando-se a questão, que será abordada mais à frente, de como analisar a intuição dos falantes quanto a uma situação ser anterior à outra. Mas em (30b), a situação “tinha comprado um carro novo” tem como PPT o intervalo de tempo em que se localiza a situação “A Maria disse”, e estabelece com ele uma relação de anterioridade.

Por fim, em (31a), a situação da subordinada tem como PPT o momento de enunciação e localiza-se depois desse intervalo de tempo. Como a situação “a Ana disse” é anterior ao momento de enunciação, então podemos inferir que a relação temporal entre as duas situações é de posterioridade. Já em (31b), o uso do Imperfeito com leitura de futuro do passado ou do Condicional com uma leitura temporal indica que o PPT é o intervalo de tempo em que se localiza a situação “a Ana disse” e que a relação entre a subordinada e a frase matriz é de posterioridade daquela em relação a esta.

A confirmar que é possível encontrar frases com estas relações, vejam-se os seguintes exemplos retirados de um *corpus*:

- (32) [...] o diretor-geral da Função Pública, Higino Cardoso **disse** que a greve dos perto de 500 trabalhadores municipais é absolutamente legal. *par=ext759355-pol-92b-1*
- (33) No seu caso, **disse** há pouco que tinha uma relação diferente com a música... *par=ext201035-clt-94b-2*
- (34) Suwali **disse que** 22 edifícios e seis veículos ficaram destruídos na cidade de Pa-repare. *par=ext696364-soc-97b-2*
- (35) Bob Dole, líder dos republicanos no Senado, **disse que** não tinha visto suficientes cortes nos gastos [...] *par=ext893415-pol-93a-2*
- (36) Uma fonte consular **disse** que Lisboa estará representada pelo embaixador Antó-nio Monteiro [...] *par=ext161802-pol-93a-1*
- (37) [...] Carlos Sanchez, ministro do Interior, **disse** que o programa vai prolongar-se até ao fim do ano, a uma média de 600 há. *par=ext615108-soc-95a-1*
- (38) O major falou comigo, **disse que** me ia ajudar, mas depois pediu 100 mil dólares por um jogador de 30 anos *par=ext613714-des-94a-2*

Partindo da análise das relações temporais que se estabelecem nestas frases, ten-do em conta os tempos verbais, podemos observar regularidades que nos permitem distinguir dois mecanismos principais de ligação temporal entre situações: subordi-nação temporal e criação de um novo domínio temporal (cf. Declerck (1991), Silvano (2002), Silvano (2011)). No primeiro, subordinação temporal, em frases completivas como as analisadas, o PPT da situação da subordinada é sempre o intervalo de tempo em que se localiza a situação da frase matriz, como se pode verificar em (29b), (30b) e (31b). Quando não há subordinação temporal, como se pode verificar nos exemplos (29a), (30a) e (31a), estamos perante a criação de um novo domínio temporal. Nestes exemplos, o PPT ou é o momento de enunciação ou um intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação e o intervalo de tempo em que se localiza a situação “a Ana disse”.

2.2 RELAÇÕES TEMPORAIS EM FRASES COM “QUANDO”

As frases temporais introduzidas por *quando* podem adquirir diferentes valores⁷, mas abordaremos aqui apenas alguns casos em que as relações temporais são evidentes. Es-tas estruturas diferem, em alguns aspetos, daquelas que observámos nas completivas, pois, de um modo geral, numa sequência do tipo “frase com *quando* + frase principal”, a frase introduzida por *quando* estabelece o tempo de localização para a frase principal (cf. (39)), o que acaba por condicionar as possibilidades de ocorrência dos tempos ver-bais nestas construções. Como foi observado anteriormente, nas completivas em que

7 Não serão abordados casos em que temos frases genéricas como em (i) ou uso de ‘quando’ com valor contrastivo como em (ii):

(i) É o sítio onde os pescadores se juntam a conversar, **quando** chegam do mar. *par=ext617581-soc-93b-1*

(ii) Mas “há um crescendo anual de produtores: no fim de 1996 eram 250, **quando** em 1992 eram 100”, diz Ana Soeiro. *par=ext1430977-clt-97b-1*

há subordinação temporal é a frase matriz que constitui o PPT da subordinada. Veja-se o seguinte exemplo ilustrativo:

- (39) Eram exatamente 11h16 TMG **quando** o diretor de lançamento, Bob Sieck, informou os controladores da decisão *par=ext362005-nd-91a-1*

Uma das restrições relevantes nas construções com *quando* em análise é que as duas frases têm de pertencer à mesma Esfera Temporal, tal como o contraste de aceitabilidade pode comprovar nos seguintes exemplos:

- (40) Quando o Rui entrou em casa, a Ana acendeu a luz.
 (41) Quando o Rui entrou em casa, a Ana tinha acendido a luz.
 (42) Quando concluíres o relatório, vamos ao cinema.
 (43) *Quando o Rui entrou em casa, a Maria acende a luz.
 (44) *Quando o Rui entrar em casa, a Maria acendeu a luz.

Os exemplos (40)-(42) são bem formados na medida em que os tempos verbais envolvidos pertencem todos à mesma esfera temporal quer do passado nos dois primeiros casos, quer do futuro no terceiro, embora neste último exemplo, (42), surja o tempo verbal Presente na frase matriz que, no entanto, apresenta uma leitura obrigatória de futuro. Quanto às frases seguintes, (43)-(44), são semanticamente anómalas, pois combinam tempos gramaticais pertencentes a Esferas Temporais distintas: em (43) um tempo da Esfera do Passado combina-se com um tempo da Esfera do Presente e em (44) um tempo da Esfera do Futuro combina-se com um tempo da Esfera do Passado.

Uma outra restrição a ter em conta nas temporais introduzidas por *quando* são as características aspetuais das situações envolvidas, pois condicionam o tipo de interpretação obtida, tal como se pode ver nos exemplos seguintes:

- (45) Quando a avó esteve no hospital, a Ana visitou-a.
 (46) Quando morou em Praga, a Ana conheceu o Jan.
 (47) Quando abri a porta de casa, o meu cão ladrou.
 (48) Quando o meu cão ladrou, abri a porta de casa.

No primeiro par de exemplos, em que *quando* introduz predicções estativas, a leitura preferencial parece ser a de inclusão do evento da frase matriz no intervalo ocupado pelo referido estado. Mas nos casos em que a temporal introduz eventos, como acontece em (47) e (48), a leitura de sucessividade parece ser preferencial.

Por fim, o nosso conhecimento do mundo parece ter alguma influência na forma como processamos a interpretação temporal das frases com *quando*. Conforme Moens e Steedman (1988) notaram, sequências envolvendo exatamente os mesmos tempos gramaticais podem apresentar leituras temporais distintas, pois podemos ter uma leitura de posterioridade em (49), de sobreposição em (50) e de anterioridade em (51):

- (49) Quando o presidente construiu a biblioteca, convidou a população para a inauguração.
- (50) Quando o presidente construiu a biblioteca, usou materiais de boa qualidade.
- (51) Quando o presidente construiu a biblioteca, contratou Siza Vieira.

Com efeito, embora a frase introduzida por *quando* mantenha constante a classe aspetual da predicação (o processo culminado “construir a biblioteca”) e o tempo verbal, cada uma das frases matriz parece ter uma interpretação preferencial diferente quanto à sua localização temporal, como mencionado acima. Isto significa que, embora a frase introduzida por *quando* tenha um papel fundamental quanto à localização temporal das frases com que se combina, não impõe, por si só, um único tipo de ordenação entre as situações envolvidas (cf. Carecho, 1996, Cunha, 2000, Cunha e Silvano, 2009 e Silvano, 2011, 2012)

Por último, vamos ver até que ponto a questão da subordinação temporal é ou não relevante neste tipo de construções. Tal como observámos para as completivas, também nas frases temporais com *quando* a subordinação temporal é possível, mas não é obrigatória. Assim, em frases como (52) e (53), em que existe subordinação temporal, a frase introduzida por *quando* fornece o PPT para a frase matriz e as relações temporais são marcadas pelos tempos gramaticais envolvidos: no caso do Imperfeito, obtém-se uma relação de sobreposição enquanto no caso do Mais-que-Perfeito, a relação é de anterioridade.

- (52) Quando o Rui telefonou, a Ana via um filme na televisão.
- (53) Quando o Rui telefonou, a Rita tinha terminado o relatório.

Nos casos em que não se verifica subordinação temporal, como em (54)–(55), a frase introduzida por *quando* e a frase matriz partilham o mesmo PPT (no caso, o momento da enunciação), estabelecendo-se entre elas uma relação temporal “por defeito” em que a relação de sucessividade parece ser a privilegiada, em parte devido ao facto de nas duas frases as classes aspetuais serem eventos.

- (54) Quando o Rui telefonou, a Ana viu um filme na televisão.
- (55) Quando o Rui telefonou, a Rita terminou o relatório.

2.3 FRASES COM COMPLETIVAS E COM TEMPORAIS COM QUANDO

As frases que até agora nos ocuparam podem também combinar-se entre si, sendo possível associar completivas com temporais introduzidas por *quando*. Vejam-se os seguintes exemplos, manipulados a partir de um exemplo de *corpus*⁸:

8 O exemplo é o seguinte: e disse que, **quando** regressou a Lisboa, entregou esse documento e ainda o dinheiro dos títulos vendidos “à secretária Luísa” *par=ext960350-des-95b-2*

- (56) Ele disse que, **quando** regressou a Lisboa, esse documento estava em ordem.
 (57) Ele disse que esse documento estava em ordem quando regressou a Lisboa.

No primeiro exemplo, a frase “o documento estava em ordem” tem como PPT o intervalo de tempo representado pela temporal “quando regressou a Lisboa” e sobrepõe-se a ele. Por sua vez, a situação representada por esta frase temporal tem como PPT o momento de enunciação e estabelece com a situação “ele disse” uma relação de anterioridade. No segundo exemplo, apesar da ordem linear diferente, as relações temporais são as mesmas. Neste caso, a situação da frase “o documento estava em ordem” só pode ser interpretada depois de processada a temporal.

Em geral, a posição inicial ou final da temporal não altera fundamentalmente as relações temporais, mas quando se trata de uma combinatória de completiva e temporal, podem observar-se algumas diferenças. Com efeito, se o exemplo for como em (58), o PPT da situação “o documento estava em ordem” é o intervalo de tempo representado pela frase “ele disse” e sobrepõe-se a ele, enquanto o PPT desta última frase é o momento da enunciação, havendo uma relação de anterioridade entre o PPT e a situação. Por fim, entre a temporal e “ele disse” há uma relação de anterioridade. Podemos dizer que numa frase como (58), a temporal estabelece o enquadramento em que as outras frases vão ser interpretadas.

- (58) Quando regressou a Lisboa, ele disse que esse documento estava em ordem.

Assim, apesar de as temporais com ‘quando’ marcarem apenas localização temporal, sem atribuírem ordenação das situações e poderem surgir em posição inicial ou final, diferentemente das completivas, apresentam diferenças nas relações entre si, apesar da restrição de ambas as frases deverem pertencer à mesma esfera temporal. Algumas dessas relações podem ser apenas explicadas através de relações retóricas ou discursivas (cf. Asher e Lascarides, 2003, Silvano, 2011, Mann e Thompson, 1988, e.o.).

Para ilustrar o que acaba de ser dito, vejam-se as seguintes frases em que os tempos verbais pouco se alteram, mas em que as relações são diferentes:

- (59) Quando a Ana se debruçou na janela, apoiou os braços no parapeito.
 (60) Quando chocou com o poste, a Ana partiu a cabeça.
 (61) Quando o acidente ocorreu, o condutor ia a falar ao telefone.
 (62) Quando a Ana foi ao congresso, ouviu algumas comunicações interessantes.
 (63) Quando começou a chover, a Ana estava no jardim.
 (64) Quando os miúdos foram para o cinema, os pais foram a jantar com amigos.

De forma a compreender-se um pouco melhor o que está em causa, vejamos brevemente em que consistem algumas Relações Retóricas ou discursivas (Asher e Lascarides 2003) que são relevantes para a interpretação das frases.

A relação retórica *Narração* surge quando os argumentos expressam situações que ocorrem na sequência em que são descritas e apresentam *Restrição de tópico da Narra-*

ção: α e β partilham um tópico comum. Para além disso, há uma *Consequência espaço-temporal da Narração* definida da seguinte forma: onde as coisas estão no espaço e no tempo no fim de ea é onde estão no início de $e\beta$. Esta definição tem como consequência que a subordinada expressa uma situação que ocorre depois da situação da frase matriz. Por seu turno, a relação de Enquadramento mantém-se quando um dos argumentos fornece informação sobre o estado de coisas circundante em que a situação mencionada no outro constituinte ocorre. Consequentemente, a situação da frase matriz fornece informação acerca da situação envolvente em que a situação descrita pela subordinada ocorre. Uma outra relação retórica a ter em conta é a de Continuação, semelhante à de Narração mas sem as consequências espaço-temporais desta. Neste caso a frase matriz continua a desenvolver o tópico iniciado pela subordinada. A relação de Elaboração, por seu turno, mantém-se quando um dos argumentos é uma parte mereológica da situação expressa no primeiro argumento e apresenta como *Consequência temporal* $e\beta$ estar temporalmente incluído em ea . Neste caso a situação da frase matriz desenvolve a situação descrita pela subordinada. Por fim, consideremos a relação Resultado, em que a subordinada descreve a causa e a frase matriz descreve o efeito, e a relação de Explicação em que a frase matriz descreve a causa e a subordinada descreve o efeito.

Deste modo, as diferentes ordenações temporais dos exemplos (59)–(64) podem ser explicadas pelas relações retóricas: em (59) temos uma relação de Narração enquanto em (60) a relação é de Resultado. Em (61) temos uma relação de Explicação e em (62) de Elaboração. Finalmente, em (63) a relação é de Enquadramento e em (64) temos uma relação de Continuação.

Quanto ao exemplo (58), podemos dizer que estamos perante uma relação em que a temporal estabelece um cenário em que a situação da frase matriz vai ser interpretada, tendo esta relação (*frame*) sido proposta por Silvano (2011) para relações a nível macroestrutural. Algumas destas relações encontram-se, com frequência diversa, em *corpora*, como os exemplos que a seguir se apresentam:

- (65) Posteriormente, **quando** os alemães assinaram o armistício, passei para a vida civil. *par=ext365795-soc-94a-2*
- (66) O ator norte-americano Harrison Ford ficou ferido nesta quinta-feira quando o pequeno avião que pilotava se despenhou num campo de golfe nos arredores de Los Angeles, nos EUA.
<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/harrison-ford-ferido-em-queda-de-avioneta-em-los-angeles-1688240>
- (67) O objetivo do grupo é obter vantagens de natureza sobretudo fiscal **quando** coloca o seu património imobiliário num fundo de investimento deste tipo. *par=ext-532318-eco-91b-1*
- (68) [...] **quando** voltámos a Lisboa, fomos convidados pela Casa da Imprensa [...] a ir tocar ao Pavilhão José Alvalade, onde recebemos uma placa de agradecimento dos jornalistas portugueses. *par=ext1526472-clt-95a-2*
- (69) Fontes oficiais afirmaram que o acidente ocorreu **quando** se procedia à decantação de amoníaco de um camião para uma cisterna. *par=ext306426-nd-92a-1*

(70) [...] quando as construtoras sobem, o mercado sobe, **quando** descem o mercado acompanha. *par=ext294119-eco-92b-1*

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordaram-se alguns aspetos da semântica dos tempos com particular incidência nas relações temporais que se podem estabelecer em algumas frases complexas, como alguns tipos de completivas e temporais com *quando*. Tendo em conta a análise feita, podemos chegar às seguintes conclusões. Em primeiro lugar, é de salientar que as frases complexas com completivas e as temporais com *quando* permitem, em geral, relações temporais de anterioridade, sobreposição e posterioridade. Para além disso, as duas construções admitem presença ou ausência de subordinação temporal, criando neste último caso, um novo domínio temporal. Mas estas construções também divergem entre si. Nas completivas, a natureza lexical do verbo introdutor parece desempenhar um papel muito relevante em termos das relações temporais que se estabelecem nestas estruturas, na medida em que parecem ser elas que, em última análise, condicionam as possibilidades de localização das orações subordinadas. Com efeito, verbos como *dizer* e *afirmar* admitem a localização da subordinada em qualquer intervalo de tempo, mas verbos como *prometer* impõem uma leitura de posterioridade e verbos como *provar* determinam preferencialmente a localização temporal da situação encaixada num intervalo de tempo anterior.

Quanto às temporais, são de salientar alguns aspetos tais como as características aspetuais das situações envolvidas determinarem relações temporais diferentes e as situações terem de pertencer à mesma esfera temporal, contrariamente ao que acontece com as completivas. No que diz respeito ao estabelecimento de relações temporais e às possibilidades combinatórias de tempos verbais, as restrições parecem ser mais evidentes, devido, muito provavelmente, à função localizadora desempenhada por este tipo de construções.

BIBLIOGRAFIA

- Abusch, Dorit. Sequence of Tense and Temporal De Re. *Linguistics and Philosophy* 20, 1997, No. 1, 1-50.
- Carecho, Judite. *Sobre a semântica das construções com quando*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996.
- Cunha, Luís Filipe. Valores temporais das orações com *quando*. *Cadernos de Linguística*. N.º 8, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2000.
- Cunha, Luís Filipe - Silvano, Purificação. Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no infinitivo simples. *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2008, 179-192.

- Cunha, Luís Filipe e Silvano, Purificação. O papel das restrições aspectuais nas relações retóricas: o caso das frases complexas com *quando*. *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2009, 239-250.
- Declerck, Rennat. *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. London - New York: Routledge, 1991.
- Kamp, Hans - Reyle, Uwe. *From Discourse to Logic. Introduction to Model - theoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- Mann, William C. - Sandra A. Thompson. Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization. *Text* 8, 1988, 243-281.
- Moens, Marc - Marc Steedman. Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14, No. 2, 1988, 15-28.
- Ogihara, Toshiyuki. *Tense, Attitudes and Scope*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- Oliveira, Fátima. Tempo e Aspeto. In: Mateus, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 5.ª edição, revista e aumentada, cap. 6, 2003, 127-178.
- Oliveira, Fátima. O Imperfeito e o Tempo dos Indivíduos. In: *Da Língua e do Discurso*. Oliveira, Fátima - Duarte, Isabel Margarida (eds.). Porto: Campo das Letras, col. Campo da Linguística, 2004, 505-528.
- Oliveira, Fátima. Tempo Verbal. In: Raposo, E. P. - Nascimento, M. F. B. - Mota, M. A. - Segura, L. - Mendes, A. (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I. 2013, 509-556.
- Oliveira, Fátima - Cunha, Luís Filipe - Silvano, Purificação. Relações retóricas em textos: a contribuição do Aspeto. *Linguistic Studies* No. 5, 2010, 277-292.
- Reinchenbach, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. London: Macmillan, 1947.
- Silvano, Purificação. *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho, 2002.
- Silvano, Purificação. *Temporal and Rhetorical Relations: the Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto, 2011.
- Silvano, Purificação. The Rhetorical Relations in Complex Sentences with *Quando* ('When') in European Portuguese. In: Defrancq, B. - Rawoens, G. - Tobback, E. (eds.). *Information Structure, Discourse Structure and Grammatical Structure, Belgian Journal of Linguistics* No. 26, 2012.
- Corpus CETEMPúblico 1.7 anotado 2.0. Disponível em: <http://www.linguateca.pt>.

UMA POSSÍVEL TOPOGRAFIA DA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA (A PROBLEMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA, O QUESTIONAMENTO DA IDENTIDADE E A HIBRIDAÇÃO DA ESCRITA)

Alva Martínez Teixeira
Universidade de Lisboa
Portugal

Resumo:

Esta comunicação pretende analisar três novas orientações da narrativa brasileira atual. Assim, em primeiro lugar, tem por objetivo refletir sobre a instigante visão ficcional da violência presente na sociedade do Brasil contemporâneo. Em segundo lugar, este breve trabalho visa examinar criticamente o interessante fenómeno da problematização literária dos processos identitários derivados da imigração. Por último, procura apresentar um breve quadro sobre uma nova literatura reflexiva e caracterizada pela hibridação da escrita.

Palavras-chave: narrativa; brasileira; contemporânea

Alone together.
(Sherry Turkle)

Je ne veux penser que de façon non générique, non générale.
(Pascal Quignard)

Hoje, uma das percepções convencionais a respeito da literatura é, como sabemos, a do império de uma nova desordem ou crise literária, dominada por um funesto hiperindividualismo e uma não menos sinistra atomização das consciências.

Perante esta lúgubre interpretação da pós-modernidade, condenada a ser lida à luz uniformizadora do crepúsculo – pensemos, neste sentido, que o pós-modernismo é uma etiqueta que, frequentemente, não quer dizer nada –, pretendemos, na medida das nossas possibilidades, clarificar a situação e a condição da referida, de maneira paradoxal, singular/plural literatura brasileira, através do contraste de três tendên-

cias ficcionais especialmente exemplares a respeito das possíveis e relevantes direções contemporâneas das letras verde-amarelas.

É assim que, partindo de “exercícios de admiração”, à Gioran, de maneira propositada gostaríamos de desenhar algumas abscissas e ordenadas da geografia literária que nos ocupa, cartografando-a, com coordenadas subjetivas que também podem (e devem) ser entendidas como um conjunto de *exempla*, de dicas de leitura honestas e pessoais.

Com este propósito, pretendemos enfatizar um ponto central de grande parte da lógica cultural e literária brasileira dos nossos dias. Enquanto a maioria da arte valoriza apenas o indivíduo que se afasta da sociedade, o sujeito livre, o ceticismo ou, mesmo, o nihilismo mais radical, a Literatura Brasileira acrescenta um elemento suplementar: o questionamento da coletividade. E é provavelmente isto que torna menos “problemático” o *corpus* artístico do Brasil presente, pois apesar daquilo que tinha sido afirmado pela vanguarda, a sociedade brasileira pode reconhecer-se ainda em grande parte da arte que gera.

Em segundo lugar, procuraremos sublinhar uma das marcas mais interessantes da arte do nosso tempo: a legitimação total dos revolucionários da cultura moderna, de Joyce a Stravinski, e salientar a função particular que no Brasil apresenta este culto da transgressão. Particular porque, como sabemos, a História da Literatura Brasileira é uma história dominada por uma certa “tradição da antitradição”, isto é, presidida por autores criadores de grandes escritas – e não de grandes escolas – e isto faz com que a ficção brasileira mais recente possa ser entendida, de certo modo, como continuidade dessa heterodoxia e não como rutura radical.

Pensemos, por exemplo, na França. Em 1996 morria André Breton, o último chefe da última brigada literária francesa, e, apesar da decadência prévia do Surrealismo no país, esta morte significou que esta prestigiosa escola tinha fechado as suas portas. Pensemos agora no Brasil, na morte, por exemplo, de Jorge Amado, escritor insigne – líder mesmo – da literatura do Nordeste com obras como *Cacau* (1933) ou *Suor* (1934), mas autor ainda mais conceituado e consagrado graças a ficções como *Capitães da areia* (1937) ou *Gabriela, cravo e canela* (1958), obras revolucionárias, mas agora não apenas em termos políticos. A escola do neorealismo brasileiro fechou as suas portas tempo atrás, mas a lição do equilíbrio entre denúncia, realismo e “carnalidade” na construção das personagens continua vigente.

Enfim, partindo desse modelo de renovação das fronteiras do realismo, vamos tratar, em primeiro lugar, de um outro realismo que transborda os limites de escola, o “brutalismo”, um dos últimos movimentos rotulados no Brasil, mas que nunca correspondeu verdadeiramente a uma tendência estruturada, senão a um rótulo de circunstância que permite, hoje também no estrangeiro, dar visibilidade a uma literatura contemporânea por vezes vítima dos próprios estereótipos nacionais.

Assim, em primeiro lugar, pretendemos realizar uma radiografia de uma das realidades mais candentes da vida literária brasileira: a diversificação e heterogeneidade do frondoso espaço da violência que se propõe, literariamente e com diferente sucesso, como uma leitura ontológica da angústia nacional.

Neste âmbito do violento, as diversas tendências escriturais que hoje se sobrepõem não podem ser reduzidas ao peso de uma tradição, mas sim a uma certa genealogia a partir da qual começaremos o nosso percurso. Se todos os autores que cultivam esta vertente ficcional proporcionaram à literatura brasileira “una modernità aggressiva e antiretorica”, como afirmara a professora Luciana Stegagno Picchio (Stegagno Picchio, 1997: 598), tal facto se deve ao sucesso de uma nova matriz literária, criada por Rubem Fonseca na década de 1960, quando se destacou como profeta brasileiro da literatura do caos, adaptando uma definição utilizada para James Ellroy, graças à criação desse “brutalismo”, de base experimentalista e hiper-realista.

O autor mineiro soube fixar com extrema originalidade, nas suas crónicas urbanas, os diversos terrores sociais do Rio. Nas diversas narrativas de Rubem Fonseca, como *O cobrador* (1979), *A grande arte* (1983) ou *Bufo & Spallanzani* (1986), ele movimentava, com técnica cinematográfica, investigadores, policiais, escritores, representantes de uma burguesia depravada e uma outra série de personagens complementares, construindo um enorme e terrível fresco do Rio de Janeiro atual, da “cidade miseravilhosa” de que falava Jean Canesi, que continua a manter com soberba o seu boato de luxo sobre um fundo de miséria (Canesi, 1990: 19).

A partir deste molde matricial, nos últimos anos, tem surgido uma das mais significativas declinações que, entre as suas propriedades distintivas, apresenta um espaço que é a antítese da cidade *costumbrista* do romance burguês.

Trata-se, com frequência, de urbes distópicas que excedem ainda os mais perturbadores desencontros literários do ser humano com o mundo moderno, como, entre outras, as memoráveis errâncias urbanas da escrita beckettiana ou as estampas da cidade infernal presentes em *Le città invisibili* de Italo Calvino, pois agora o mundo descentrado é identificado, de modo imediato, ao real. Sem qualquer filtro onírico ou de estranhamento, esse orbe distorcido, resultado da miséria e do subdesenvolvimento, é associado a certos fenómenos urbanos.

A produção ficcional de autores tardo-realistas, favelados em origem, como Paulo Lins ou Ferréz, que tornam em matéria romanesca a sua experiência de exclusão radical neste espaço, exprime mais do que uma perspetiva pessimista sobre a realidade. Como já acontecia na escrita fonsequiana, nestas obras, a crueldade é também uma experiência icónica, pois com as flagelações, mutilações e outros episódios sádicos é subministrada uma leitura ontológica a partir do trauma moral coletivo.

Esta escrita integra entre seus temas o novo espaço resultante do capitalismo altamente desenvolvido: a favela, que condensa uma implacável e terrível dialética entre riqueza e pobreza. Nela, curiosamente, a miséria – material e moral – revela-se um poderoso motor económico, como demonstra a expressiva estilística da representação destas ficções através de mecanismos como a invasão do território burguês – materializada em roubos, assaltos e sequestros – e a fuga – debandada depois de um crime, fuga da polícia ou de algum bandido rival –, entendidos como as modalidades possíveis de relacionamento espacial e social, e como expressão da agilidade narrativa que caracteriza a nova perceção da urbe.

À perspectiva adotada pelos narradores sobre a cidade, parece subjazer a revolta contra uma realidade semelhante à simbolizada por Alberto Pimenta a partir de uma “cena do lixo”, que lhe permitira comprovar que as cidades utópicas e os imaginários urbanos, de modo geral, são minuciosamente concebidos até ao último pormenor de funcionamento, “inclusive o desaparecimento do lixo” (Pimenta, 1989: 404).

O microcosmos da favela tem agora interesse como reivindicação distópica desse valor excedente. Este olhar permite uma mais profunda problematização das relações entre capitalismo, progresso e subdesenvolvimento, pois a favela é encarada como vítima exemplar de uma sociedade dramaticamente distanciada da moralidade e, ao mesmo tempo, como uma mutação radical da sociedade, que aproveitou a amoralidade do capitalismo como álibi e exemplo num distorcido culto ao dinheiro.

Este novo textualizar da cidade cria um modo abissal de ver a urbe, em que o espetáculo consumível e grotesco dos pobres, matando-se entre si, é rearticulado para provocar um questionamento moral. Trata-se de um miserabilismo que procura traumatismos para denunciar traumatismos, servindo-se de uma perturbadora obscenidade social que contesta o nosso olhar estandardizado pelos estereótipos.

Para muitos dos protagonistas destes novos discursos ficcionais, em vez da condenação radical ou do reino prometido, isto é, o acesso rápido ao capitalismo presente em favelas como Cidade de Deus, os autores escolhem frequentemente o final aberto, o castigo ao purgatório da favela e o precipício insondável no qual esta se situa, e ao qual se abandona a humanidade depois de a possibilidade de redenção ter deixado de existir, só ficando a contingência e a necessidade, isto é, o nada. Nelas, a pobreza já não é simples paisagem, e a favela está problematizada como mapa intersticial de histórias e identidades:

Essas obras distanciam-nos dos espaços de alto risco e da persistente incerteza criada pelos nihilismos contemporâneos, mas deixam manifesto algo mais do que uma perspectiva pessimista e purgativa sobre a realidade, pois aproximam uma nova visão artística do sofrimento e da miséria através da aguda sensibilidade para o terror e o espanto (Martínez Teixeira, 2013b: 62).

Aquele vazio e essa sensibilidade podem ser a chave interpretativa desses retratos da trágica violência no Brasil contemporâneo. E podem ser chave privilegiada por serem muito mais poderosas do que qualquer radiografia mimética, já que, perante o vazio, podemos acompanhar o retórico questionamento do filósofo Emil Cioran, quando se questionava se um vazio que outorga a plenitude, neste caso um entendimento abissal, não contém mais realidade do que possui toda a história no seu conjunto (Cioran, 1981: 162).

Compreendemos, então, a forte oposição ao elitista ambiente urbano através da concentração na imagem da favela, favela que constitui uma realidade tão forte “que le mot brésilien est passé dans le vocabulaire international” (Montenegro, 1990: 41) como um dos elementos míticos da urbe brasileira atual.

No entanto, provavelmente pelo facto de que a sociedade pode reconhecer-se na arte que gera – ao contrário de outros pós-modernismos e com a conseguinte ampliação